

A PÓS-VERDADE COMO MECANISMO DA DESINFORMAÇÃO POLÍTICA: Uma ameaça à democracia

POS-TRUTH AS A MECHANISM OF POLITICAL DESINFORMATION: A threat to democracy

Ana Thais Kerner Drummond^{1}*

*Vanessa Regis Costa^{2**}*

*Weverton Jonas Correia da Silva^{3***}*

RESUMO

Este presente artigo tem como escopo a análise do termo pós-verdade sob a perspectiva da disseminação de *fake news* em cenários políticos. A manipulação, distorção e desconstrução da verdade não são fenômenos recentes e sim uma prática amplamente documentada, sendo um desafio contemporâneo o controle e revisão da veracidade das informações. Desse modo, faz-se uma análise a respeito da verdade e da mentira e como são comunicadas, bem como o papel das redes sociais, como meio potencializador e amplificador de informações falsas. O modelo adotado como método é a abordagem qualitativa, realizada por meio de revisão bibliográfica de livros e outros artigos científicos, buscando compreender o conceito de pós-verdade, sua relação com as *fake news*, seu papel no contexto político brasileiro, bem como os impactos e ameaças à democracia.

Palavras-chave: pós-verdade; *fake news*; redes sociais; democracia.

ABSTRACT

This article aims to analyze the term post-truth from the perspective of the dissemination of fake news in political scenarios. The manipulation, distortion, and deconstruction of truth are not recent phenomena, but rather a widely documented practice, posing a contemporary challenge to the control and verification of information veracity. In this way, an analysis is made of truth and lies and how they are communicated, as well as the role of social media as a potentializing and amplifying medium for false information. The methodology adopted is a qualitative approach, conducted through a bibliographic review of books and other scientific articles, seeking to understand the concept of post-truth, its relationship with fake news, its role in the Brazilian political context, as well as the impacts and threats to democracy.

Keywords: post-truth; *fake news*; social media; democracy.

* Mestre em Políticas Sociais e Cidadania.

** Doutoranda em Direito e Mestre em Políticas Sociais e Cidadania.

*** Graduando em Direito.

1 INTRODUÇÃO

As mentiras que se espalham e convencem as massas não surgiram com as redes sociais, haja vista que, desde os primórdios, a *mentira* é parte integrante da política. Pesquisadores afirmam que escritores clássicos da história humana, como Platão⁴ e Maquiavel⁵, já revelavam o uso de tal engodo na sociedade, particularmente, na política, pelos seus líderes, em que se buscava um convencimento por meio da devoção cívica e harmonia social. As mentiras que se espalham e convencem as massas não surgiram com as redes sociais.

A divulgação de informações falsas não é um problema novo. A história é repleta delas, dentre contos, boatos e lendas urbanas⁶. A questão no atual contexto socioeconômico é diferente e envolve mais nuances e preocupações, sobretudo no exercício da democracia e liberdade de expressão, em razão da revolução tecnológica impulsionada pela popularização da Internet e expansão das redes sociais.

Os últimos anos foram marcados pela propagação exponencial das denominadas *Fake News* por meio das redes sociais. Isto porque esses ambientes de interação social potencializaram a disseminação das notícias falsas, em rapidez e proporção extraordinárias, decorrente de publicações intencionais desses conteúdos ou motivadas pelo desconhecimento.

A verdade única sobre várias narrativas não existe, todavia, a mentira sobre fatos é muito frequente, neste contexto, verdades e mentiras precisam ser analisadas em um contexto político, em uma perspectiva da pós-verdade. Os dividendos políticos das notícias falsas são elevados, e já era assim bem antes da Internet, mas elas sempre necessitaram de um bom caldo de cultivo.

A mentira política é contemporânea à civilização, já a verdade é um conceito oriundo da metafísica e mutante nas ciências, pois uma nova descoberta pode anular outra que até então era tida como certa nas relações humanas. Existem fatos que acontecem e outros que não ocorrem, ou seja, que são denominados de fatos inventados. Sendo que ambos influenciam na percepção e na opinião humana. Verdade e mentira, também, se misturaram reiteradamente, ocasionando uma realidade falsa.

Neste viés de mentiras e representatividade política, podemos citar alguns presidentes americanos como Nixon, Reagan e Clinton⁷, assim como o ex primeiro-ministro da Inglaterra, Tony Blair⁸, que se posicionava de forma proba e correta, e que ainda assim teve sua imagem desconstruída quando o dossiê da Guerra do Iraque foi revelado, embora negasse os fatos.

Na Polônia, o partido nacionalista no poder, *Prawo i Sprawiedliwość* (*Lei e Justiça*)⁹, também disseminou mentiras sobre os homossexuais e refugiados que espalhavam doenças e sobre a colaboração entre comunistas e anticomunistas. Sendo este um perfil das sociedades totalitaristas do passado e autocratas dos dias de hoje, que tem como característica a propagação da mentira¹⁰.

4 Filósofo grego, considerado um dos maiores pensadores de sua época. Dedidou-se à escrita de diversas obras, bem como é o criador da Teoria das Ideias ou Teoria das Formas.

5 Filósofo, historiador, poeta, diplomata e músico, nascido em Florença, Itália. Em sua obra *O Príncipe*, Maquiavel demonstra que a mentira é uma arte útil para conquista e manutenção do poder.

6 TOFFOLI, José Antônio Dias. Fake news, desinformação e liberdade de expressão. *Interesse Nacional*, São Paulo, ano 12, n. 46, p. 9-18, jul./set. 2019.

7 37°, 40° e 42° Presidentes dos Estados Unidos da América, respectivamente.

8 Ex advogado; ex primeiro-ministro do Reino Unido, durante 1997 a 2007; e líder do Partido Trabalhista de 1994 a 2007.

9 Partido político nacional-conservador e populista da Polónia. Descreve-se como de direita à extrema-direita. Foi fundado em 2001 por um conjunto de irmãos, a saber, Kaczyński, Lech e Jarosław.

10 D'ANCONA, Matthew. *Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018, p.10.

A ideia do livre arbítrio de ser convencido da mentira, ou seja, “se acredita porque quer,” alivia a consciência pessoal dos governantes, mas não suaviza a cultura da desconfiança política, desencadeando danos à democracia. As mentiras políticas, por sua vez, não são o mesmo que a pós-verdade. Nesta se parte da ideia de que não é necessário analisar mais nada, apenas emitir opinião, seja ela qual for e de qualquer maneira.

A novidade, também, não seria a desonestidade dos políticos e sim a resposta da sociedade perante isso, em que o fato de mentir vira a regra e não mais a exceção, mesmo se tratando de democracias¹¹.

Dessa forma, se manifesta um sentimento popular de conformidade em face das mentiras, não se esperando dos políticos eleitos um discurso verdadeiro, como um tributo almejado. A ideia é que não seria possível que os representantes políticos tivessem a capacidade de mentir reiteradamente e de maneira tão audaciosa, e que um fato mentiroso mesmo que tivesse como efeito uma suposta verdade, não teria o condão de definir como absoluto o que seja verdade ou não. Portanto, melhor seria, assentir a estes fatos, visto que o dano não seria tão prejudicial e irreversível.

Ademais, a mera exaustão sobre fatos falsos retira do cidadão o seu compromisso com a verdade, dando lugar a uma resignação cognitiva, em que não prevalece a ponderação racional, mas a convicção de opinião: os fatos não existem, pois se trata de uma questão de crença, e a verdade seria aquilo que se entende dela, passando a ser algo pessoal e de possível modificação.

Outro fator relevante que influencia sobre a pós-verdade é a prevalência de uma conexão emocional no momento da decisão política (eleitor e candidato), que misturam sentimento de revolta (o chamado “voto de revolta”) com valores distorcidos sobre o que seja ter uma postura franca e verdadeira. Aqui o candidato que possui evidente falhas de caráter passa a ser visto como o solucionador de problemas. O colapso da confiança se torna a base social motivadora da era da pós-verdade, visto que o seu enfraquecimento é crucial para a sobrevivência humana¹².

Em um cenário de avanço tecnológico e globalizado, a narrativa emocional toma o lugar da verdade e que tende a agir de acordo com as ficções notadamente falsas, moldando a própria realidade ao adotar uma postura terapêutica da não responsabilização em relação à desinformação ou desonestidade.

Diante do cenário global de grande preocupação em torno da desinformação, observa-se um movimento rumo à compreensão deste fenômeno, as razões que incentivaram e desmotivaram a propagação das notícias falsas e medidas de combate à desinformação que se coadunem com direitos fundamentais, como a liberdade de expressão e diversidade de opinião¹³.

Neste contexto, o sistema eleitoral brasileiro possui meios que combatem as informações inverídicas e que proporcionam o direito de resposta, a vedação ao anonimato e a garantia constitucional da liberdade de expressão, garantindo que o eleitor não seja ludibriado, quando estiver decidindo em favor de quem for votar. Afinal, a escolha livre, dentro de um processo eleitoral transparente, deve preservar e garantir a liberdade de expressão e, consequentemente, o Estado Democrático de Direito¹⁴.

11 D'ANCONA, Matthew. *Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018, p. 20.

12 D'ANCONA, Matthew. *Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018, p. 10.

13 SOUZA, Carlos Affonso; TEFFÉ, Chiara Spadacinni de. Fake News e Eleições: identificando e combatendo a desordem informacional. In: ABBOUD, Georges; NERY JR, Nelson; CAMPOS, Ricardo (org.). *Fake News e regulação*. São Paulo: Thomson Reuters, 2021. p. 302-313.

14 É um estado no qual os direitos individuais, coletivos, políticos e sociais são garantidos pelo ordenamento constitucional. Uma das características mais relevantes do Estado Democrático de Direito é a soberania popular, isto é, a participação e representatividade popular, bem como a vontade do povo é emanada pela Constituição.

2 FAKE NEWS E PÓS-VERDADE

Na sociedade informacional contemporânea, as redes sociais ganham destaque como local onde se estabelecem relações afetivas e profissionais.

Se, de um lado, o desenvolvimento tecnológico das últimas décadas trouxe muitos benefícios, como a democratização do conhecimento, o incentivo à produção de conteúdo, a ampliação do acesso à informação, o intercâmbio cultural e a facilitação de transações comerciais; por outro, permitiu uma troca tão dinâmica de informações que não há uma pausa para se distinguir o real do irreal e o ético do antiético.

A redução da verdade fatural a uma questão de mera opinião, aponta a filósofa política Hannah Arendt, é uma das formas que o mentir pode assumir, pondo em risco a sobrevivência dos fatos¹⁵. E é exatamente essa diluição dos limites da verdade que se observa na era das *Fake News*.

Diante da dificuldade de delimitação, alguns autores preferem utilizar termos alternativos como “notícia fraudulenta”, “desordem informacional” e “sobrecarga de informação” para explicar o fenômeno. Geralmente, as Fake News encontram seu motor não no desejo de negar a verdade, mas sim na vontade de vencer a disputa a qualquer preço, mesmo que para isso seja preciso falsear a realidade.

O conceito de *Fake News*¹⁶ é a informação intencionalmente constituída por erros ou falsidades, emitida e reproduzida para construir uma narrativa e atingir determinado objetivo, e que se espalham por meio de veículos de comunicação, tendo como escopo legitimar um ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo, que são geralmente figuras públicas e políticas.

A pós-verdade não se equivale à *fake news*, eis que a existência de notícias falsas não é um privilégio da contemporaneidade e não pode ser comparada à mentira, uma vez que a criação e o emprego estratégico desse tipo de informação por parte de agentes públicos e governantes não é um fenômeno recente, possuindo rastros que remontam desde o antigo Império Romano, existindo também, em regimes democráticos. Portanto, sendo um elemento recorrente na política partidária¹⁷.

Portanto, o que seria a pós-verdade?

O primeiro conceito formal de pós-verdade pode ser feito pelo Dicionário Oxford¹⁸, que consiste em um adjetivo:

relacionado a ou denotando circunstâncias na quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal¹⁹.

Por ter um caráter multifacetado e interdisciplinar, em que envolve a política, psicologia, comunicação, educação e filosofia, o conceito de pós-verdade ainda é carente de consensos. Dentre os fenômenos da pós-verdade são identificados o negacionismo científico, hiperpolarização política, a descrença sobre os fatos em que prevalece a emoção, *big data*, mídias sociais e a pós-modernidade, por ser a pós-verdade composta de uma complexa constelação de temáticas. Composto assim, um sistema

15 OSMO, Carla. *Direito à Verdade: Origens da conceituação e suas condições teóricas de possibilidade com base em reflexões de Hannah Arendt*. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia e Teoria Geral do Direito) – Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito, Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2139/tde-11022015-144455/publico/TeseCarlaOsma.pdf>. Acesso em: 30 fev. 2025.

16 Fake news ou notícia falsa são informações fabricadas ou retiradas de seu contexto original, de forma parcial ou total. Geralmente, consistem em discursos de ódio, preconceitos ou difamações a respeito de outrem.

17 D'ANCONA, Matthew. *Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018, p. 10.

18 OXFORD UNIVERSITY PRESS. Word of the Year 2016. *Oxford Languages*, [Oxford], 2016. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 15 fev. 2025.

19 No original: “Relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief”.

dinâmico de ideias²⁰.

A pós-verdade não está associada diretamente com as manchetes midiáticas e com o falseamento ou distorção da realidade no modo como o público lida com essa tendência de notícias falsas ou modificadas, mas como diz o respeitável jornalista Matthew d'Ancona²¹, do The Guardian²², se trata de alteração na percepção e no comportamento das pessoas e um desvalor da primazia da verdade como princípio fundamental e organizativo da sociedade, que compõe decisões de natureza pública e privada²³.

Afirma, ainda, que a indignação dá lugar à indiferença sobre os fatos reais e, posteriormente, pessoas que se sentiam vítimas de alguma injustiça social passam a ser coautores de situações que sustentam à pós-verdade, desencadeando em um cenário que abrange a ciência política contemporânea, a cultura interferindo no modo como os indivíduos aderem a ideias e os discursos com bases em fatos inexistentes, ou melhor, criados.

Nesse processo de pós-verdade, o jornalista e escritor dá como exemplo a crescente onda de blogueiros que surgem na internet, com conceitos próprios e persuasivos, sem base teórica fática, como é o caso de David Roberts²⁴.

Era reconfortante imaginar que os eleitores reuniam fatos, tiravam conclusões desses fatos, assumiam posições a respeito das questões com base em suas conclusões e escolhiam um partido político de forma correspondente. Na prática, escreveu Roberts, os eleitores escolhiam um partido com base em afiliações de valor, adotavam as opiniões da tribo, desenvolviam argumentos para apoiar essas opiniões e (só então) selecionavam fatos para reforçar essas alegações²⁵.

Um dos pilares da pós-verdade é a ausência de confiança do cidadão nos representantes políticos. A falta de credibilidade política teve sua ascensão na segunda metade do século XX, em que os escândalos políticos minaram a credibilidade representantes partidários e da imprensa por manchar a sua reputação como, também pela criação de um conluio entre o governo e a mídia de massa. Ambos com o intuito de enganar a população, privilegiando interesses de certa camada social, e trazendo consigo um viés de legitimidade, quando colocado de forma absoluta, tendo como consequências à disseminação da descrença em relação ao jornalismo institucionalizado e à política.

Essa falta de confiança deu origem a manifestações com caráter populista em um cenário instável e complexo, apresentando um conceito de realidade explicativa e superficial, por meio de uma linguagem notadamente maniqueísta, dividida entre o bem e o mal, polarizadora e com forte apelo emocional.

Além da descredibilidade surge a ascensão da informática, proporcionando aos consumidores do mundo digital uma nova perspectiva: o status de produtores de conteúdo com ferramentas e recursos de ponta e de fácil acesso. Tendo como consequência o afastamento de profissionais qualificados que atuam nestas áreas, dando lugar às pessoas comuns que majoram a oferta de informações. De outro lado, tem-se uma proporcional queda da qualidade e da confiança das informações, característica que, também, acompanha as fake News.

Constata-se que essa nova dinâmica alterou de forma evidente e sensível o modo de participação popular no âmbito das democracias representativas:

20 McINTYRE, L. *Posverdad*. Madrid: Cátedra, 2018, p. 68.

21 Matthew Robert Ralph d'Ancona é jornalista inglês e ex editor do The Guardian. Já foi colunista do The New York Times e editor-chefe do The New European.

22 Trata-se de um Jornal estadunidense mainstream (que não produz investigação independentes, limitando-se à remodelagem de reportagens existentes).

23 D'ANCONA, Matthew. *Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018, p. 40.

24 Blogueiro americano. Afirmou, em 2010, que na cultura da pós-verdade, a opinião pública e a mídia se desconectaram da política em sua essência.

25 D'ANCONA, Matthew. *Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018, p. 100.

O século XX deixou como herança um sistema de instituições baseadas em regras e em evolução gradual; e uma hierarquia de conhecimento e autoridade, em que entidades representativas interagiam com o estado de acordo com protocolos comprovados. Hoje essa estrutura está sendo desafiada por uma malha de redes vinculadas não por laços institucionais, mas pelo poder viral da mídia social, do ciberespaço e dos sites, que se deleitam em sua repugnância em relação à grande mídia²⁶.

Podemos dar como exemplo de redes sociais confiáveis que são utilizadas por pessoas comuns e que reivindicam uma fonte de notícia (podendo ser verdade ou mentira), e se colocam no lugar de especialistas em determinado assunto, dentro de um espaço ilimitado de informações sem monitoramento. Essas notícias frequentemente dão vazão e sucesso político àqueles que mentem pela falta de responsabilidade comportamental e individual, proporcionando, assim, uma ascensão da pós-verdade, para aqueles que são incapazes de lidar com a verdade.

2.1 A paranoia conspiracionista e o negacionismo científico

Tanto a paranoia conspiracionista quanto o negacionismo científico, no contexto da pós-verdade, se operam de forma integrada, podendo, ser demonstrados por duas iniciativas distintas:

- 1) o movimento antivacina, o *Antivax*²⁷.
- 2) a negação do holocausto, *movimento antissemita*²⁸.

Mesmo sendo teorias diversas, ambos se comunicam e propagam princípios que tem como fundamento a chamada pseudocientífica, composto de pessoas comuns e que se intitulam como especialistas: manipulam de modo antiético, métodos e meios de investigação, tendo como propagação a apropriação e uso estratégico por *influencers* digitais que se tornam formadores de opinião e que costumam chamar a atenção de seus seguidores com o auxílio de um discurso alarmista e, por via de consequência, revestido de um forte apelo emocional.

Em uma análise sobre o negacionismo, o autor cita um episódio que ocorreu no Reino Unido e que ocasionou uma catástrofe epidêmica do sarampo.

Não há melhor exemplo disso do que a moderna e prolongada campanha contra a vacinação. Essa forma grave de negacionismo- um estudo de caso da pós-verdade – foi desencadeada por um único estudo, publicado pela revista Lancet, em 1998. Com base em seus resultados, o dr. Andrew Wakefield, um dos autores do artigo, afirmou em uma entrevista coletiva que havia um possível vínculo entre a vacina contra sarampo, caxumba e rubéola, introduzida dez anos antes no Reino Unido, e a crescente incidência de diagnóstico de autismo. Consigo me lembrar bem de minha própria angústia como pai recente, preocupado com o suposto risco da vacina SRC, ou “tríplice viral”. Conforme as afirmações caíam muito em todo o Reino Unido, de 92% para 73% (e perto de 50% em certas áreas de Londres), o que resultou em surtos de sarampo e casos de morte. Em junho de 2008, a doença tinha uma vez mais se tornando endêmica na Grã-Bretanha – catorze anos após sua quase erradicação. Quando a imprensa investigou o estudo original com mais detalhes, descobriu que os métodos Wakefield eram insatisfatórios

26 D'ANCONA, Matthew. *Pós-Verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018, p. 63.

27 O movimento antivacina ganhou forças durante a pandemia da Covid-19, impulsionado pela disseminação de fakes news. Notícias como “a vacina contra Covid-19 modifica o DNA dos seres humanos, tornando-os jacarés”, “presença de chip líquido com inteligência artificial para controle populacional” ou “a vacina contém um vírus capaz de transmitir o HIV” foram amplamente propagadas nos meios digitais de comunicação, sendo alvo de desinformação, principalmente, para as comunidades mais carentes que, graças a falta de informações de qualidade, acabavam acreditando nas falsas alegações.

28 Este movimento atribui aos judeus uma posição de excepcionalidade entre as demais civilizações, difamando-os como um grupo inferior e negando que sejam parte das nações que residem. O movimento antissemita consiste em uma forma de racismo, manifestada de diversas maneiras, como ódio e discriminação apartados ou políticas públicas e ataques militares organizados contra uma coletividade judaica.